

Memorial de Formação

Educational memorial

Martinho Fonseca Munica¹

Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

O memorial de formação de Martinho Fonseca Munica, narra uma jornada de transmutação: da infância em Angola à consolidação acadêmica no Brasil. O autor revela como superou um sistema de ensino punitivo e frustrações na área da saúde para abraçar sua verdadeira vocação na docência e na poesia. Sua jornada acadêmica na Bahia foi um divisor de águas que, por meio da perspectiva decolonial, ressignificou sua visão sobre o continente africano e a educação. Hoje, sua pesquisa de doutorado resgata as brincadeiras angolanas como ferramenta pedagógicas vitais à educação infantil. É uma narrativa sensível que entrelaça memórias pessoais ao compromisso com uma prática educativa fundamentada no afeto na emancipação cultural.

Palavras-chave: Angola; Brasil; Formação Acadêmica; Memórias.

ABSTRACT

Martinho Fonseca Munica's formative memoir narrates a Journey of transmutation: from childhood in Angola to academic consolidation in Brazil. The author reveals how he overcame a punitive education system and frustrations in the health field to embrace his true vocation in teaching and poetry. His academic journey in Bahia was a watershed moment that, through a decolonial perspective, redefined his vision of the African continent and education. Today, his doctoral research recovers Angolan games as vital pedagogical tools for early childhood education. It is a sensitive narrative that intertwines personal memories with a commitment to an educational practice grounded in affection and cultural emancipation.

Keywords: Angola; Brazil; Academic Formation; Memoirs.

Saudações prezados(as) leitores e leitoras deste escrito, tão informal quanto as que compõem. Descrever as nossas vivências não é um movimento fácil, pois carregam consigo momentos frustrantes e desafiadores, assim como momentos bons. Falar deste processo, é abrir uma ferida cicatrizada. Mas compreendo que, ao recordarmos, estamos no processo de atribuir novos significados às experiências passadas. Nas próximas linhas, vou rememorar alguns acontecimentos marcantes, aqueles que neste momento mais me tocam e aqueles mais relevantes. Como coloca a professora Oliveira (2007, p. 290) diz que:

a narrativa, como uma forma de descrever as relações pessoais vividas por seu autor, permite que ele tenha um maior conhecimento sobre si próprio, reflita sobre como suas atitudes afetam o próximo, assim como passe a ter um maior conhecimento sobre seus limites pessoais e possa redefinir modos de

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutorando em Educação na UFJF. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9004200170551633>. E-mail: martinhofonseca.munica@estudante.ufjf.br.

agir. Assim, a narrativa potencializa um processo de reflexão pedagógica que permite aos seus autores compreender causas e consequências de suas ações ou de acontecimentos, circunstâncias etc. de um passado remoto ou recente e, se for o caso, criar estratégias a partir de um processo de reflexão, ação e nova reflexão.

Na busca por essa compreensão, narro minha trajetória, nascido na outra margem do Atlântico — continente berço. Eu, filho de “aposentado” e de mãe dona de casa, terceiro filho de uma família numerosa, levando em consideração o conceito de família na cultura bantu². Tive uma infância como qualquer criança nascida a partir dos anos 1990 até 2002. Recordo-me de uma infância complexa, marcada pelas contrariedades de um período de grande tensão política. Mas, em meio às dificuldades, também encontrei espaço para a alegria.

Período marcado pelas brincadeiras, época em que confeccionamos os nossos próprios brinquedos, as histórias contadas pelos avós envolta do fogo de lenha, enquanto a batata da sobremesa assava. No meio das dificuldades, tínhamos um sorriso para gargalhar e uma lua que brilhava para os dias melhores. Como toda criança, os meus sonhos se mantiveram vivos. Em meio a esta fumaça, ser médico e professor, pairava nas minhas imaginações e desejos.

Meu pai, vindo de uma família numerosa, precisou, desde cedo, abandonar a escola para servir as Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLAS)³ e não teve, por isso, a oportunidade de priorizar os estudos. Minha mãe, também vinda de família numerosa, não pôde dedicar-se aos estudos. Mas, ambos conseguiram concluir o ensino médio.

Apesar dos momentos nebulosos, recordo-me de que a educação escolar sempre foi exigência dentro de casa. Sempre fizeram questão que os filhos aproveitassem as oportunidades que tinham — formar-se, ter uma profissão, pois sabiam da importância dos estudos.

Desde muito cedo, os meus pais, tinham para os filhos a prioridade de ir à escola. Sempre tivemos dificuldades em casa, mas nunca nos faltou nada. Meus pais, sustentaram-nos e educaram-nos com o pouco que tinham. Dedicados para que não faltasse nada. Também me lembro que, fui morar com a minha falecida mãe (tia-irmã do pai), com mesmo incentivo,

² É um grupo étnico linguístico localizado na região austral do continente africano, nomeadamente: Angola, República do Congo, Gabão e a República Democrática do Congo. Antigo reino do Congo, um importante império pré-colonial. São conhecidos por sua rica cultura, língua e tradições. A constituição da família se estende a tios(as), primos (as) avós e outros membros.

³ Forças militares do estado angolano, de 1975 a 1991, sob comando do partido único.

“estudem porque um dia já não estarei aqui” dizia a mãe Augusta que, na época, cursava o magistério⁴.

Morávamos no centro da cidade da província de Benguela, no famoso prédio dos “cubanos” a minha escola ficava perto do serviço da mãe Augusta, por isso, me deixava na escola, sempre recebia muito carinho, pois, era o caçula da casa. Apesar do incentivo e da obrigatoriedade familiar, ir à escola era um problema para mim, pois não gostava.

Tempos mais tarde, regressei à capital Luanda, onde dei sequência nos meus estudos, continuando a não gostar de ir à escola, mesmo assim, sabia que precisava ir para escola. Estudei na escola do professor Joãozinho, notório pelo rigor, disciplina e mão leve, ficou gravado na memória. No entanto, as sextas feiras era o meu terror: dia da tabuada, quando a palmatória gingava na palma da mão, marcava o ritmo da aprendizagem.

O sistema de ensino naquele período, pautava-se na verticalidade da relação professor-aluno, onde a autoridade era imposta de forma coerciva, e o castigo físico era uma prática pedagógica comum. No entanto, essa prática contradiz diretamente os princípios da educação libertadora, defendida por Paulo Freire (1996), para quem educação libertadora rejeita a violência e se apoia na autonomia, na consciência crítica e respeito. A disparidade entre as duas abordagens era gritante. Enquanto Paulo Freire preconizava o diálogo, a escola que eu frequentava fomentava o medo, e foi esse temor que se tornou o principal motivo da minha aversão ao ambiente escolar.

A dificuldade de concentração nas aulas era imensa, pois o medo sobrepunha à vontade de aprender, a disciplina de matemática era a minha maior dificuldade. A transição da 4ª para 5ª classe, em uma nova instituição, o meu interesse pelos estudos floresceu: minhas notas melhoraram e minha disposição para aprender aumentou consideravelmente.

O meu pai dizia que estar na escola do professor Joãozinho ajudou-me muito, em parte concordo, porque utilizava o medo para forçar a aprendizagem, ou melhor, para induzir uma fixação de conteúdos, isto, transformou-me em um aluno mais dedicado. Lembro-me de que a primeira nota positiva que tive foi nas disciplinas de história depois se estendeu por outras disciplinas, como língua portuguesa, educação moral e cívica (e.m.c), geografia e ciências da

⁴ Escola vocacionada a formar professores de nível médio.

natureza, a matemática continuou sendo, o meu principal obstáculo, só de ouvir já ficava apavorado. Na época, os que sabiam matemática eram considerados os mais inteligentes.

Foi nessa perspectiva, que comecei a me reunir com os colegas de escola, para estudar matemática. Passávamos horas estudando, foi aí que comecei a superar algumas dificuldades. Concordando com a professora Barbosa (2007, p.1066), diz que, a identidade pessoal e social vai sendo entalhada desde a infância.

As crianças têm um modo ativo de ser e habitar o mundo, elas atuam na criação de relações sociais, nos processos de aprendizagem e de produção de conhecimento desde muito pequenas. Sua inserção no mundo acontece pela observação e participação heterodoxa que possibilitam que elas produzam suas próprias sínteses e expressões. A partir se sua interação com outras crianças.

Nesta fase, o sonho de ser médico já me acompanhava, diferentemente do desejo de ser professor. Após concluir o primeiro ciclo do Ensino Secundário — que compreende da 7ª até a 9ª classe e serve como transição para o Ensino Médio. A partir dali, iniciei minha jornada em busca do curso de enfermagem como primeiro passo e, posteriormente, do curso de Medicina no Ensino Superior.

Moramos na capital Luanda, os Institutos Médios de Saúde (I.M.S) em Luanda tinha pouca oferta e muita procura e, muitos dos jovens recorriam às outras províncias para cursar enfermagem e outros cursos técnicos. Foi quando me desloquei para a província do Bengo, minha terra natal, para tentar uma vaga no curso.

A província do Bengo, fica perto da capital Luanda, cerca de 2h de carro, não diferente do I.M.S de Luanda, o I.M.S do Bengo, também registrava muita procura, porque vinha alunos de quase todo país. O curso de enfermagem, tornou-se o mais concorrido na época, talvez até nos dias de hoje.

A jornada até os exames foi marcada por estudo árduo e muita expectativa, mas não obtive a aprovação. No entanto, o momento difícil trouxe consigo um aprendizado inestimável sobre resiliência e a força necessária para superar obstáculos.

Não me enxergava noutro curso, tamanha era a minha obsessão pelo curso de enfermagem, o que me fez esquecer que a docência também me atraía. A alternativa imediata foi buscar um curso preparatório e tentar no ano seguinte. Meu irmão mais velho, recordo-me,

ofereceu-me um livro de anatomia humana. O livro serviu de consolo e nutria minha esperança a cada leitura. Finalmente, esse foi o motivo principal que me levou a mudar para a província do Bengo.

Enquanto guardava a próxima oportunidade, comecei a frequentar o ensino médio normal, recordo-me que no meio do ano, o meu irmão conversou comigo e disse: *Eu lhe sugiro continuar o ensino médio normal e cursar medicina no ensino superior*, sugestão que os meus pais concordaram. Não aceitei de primeira, mas com o passar do tempo surgiram outros problemas que me forçaram a concluir o ensino médio normal.

Durante meus anos de Ensino Médio (2009-2012), a rotina era ditada pela ausência de comodidades básicas. Meu alojamento, um simples quarto e sala, sem acesso a água encanada e energia elétrica. Para me alimentar, dependia de um fogareiro e uma panela. Utilizava uma tigela térmica para garantir a conservação do alimento para o almoço do dia seguinte, uma solução diária de segunda a sexta-feira, antes de voltar para casa nos finais de semana.

Toda segunda-feira de manhã, regressava com garrafas de água de 20 litros e outros alimentos não perecíveis. No final da tarde, quando regressava da escola, cozinhava e no princípio da noite, ficava em um ponto de táxi, assistindo o tempo passar, e quando chegava em casa dormia para o dia seguinte de manhã estudar e à tarde ir à escola. Esta foi a minha rotina durante três (3) anos.

Essa experiência, ajudou-me a desenvolver algumas habilidades, hoje vejo, mesmo não sendo a maneira mais adequada para vida estudantil, foi assim que aprendi a viver com pouco, e cuidar de mim e a viver longe da minha família. Depois de terminar o ensino médio normal, regressei à Luanda na casa dos meus pais.

O sonho de ser médico ainda fazia parte de mim, não parei de acreditar, finalmente, a promessa cumpriu-se. Foi então que comecei a cursar licenciatura⁵ (bacharelado) em Cardiopneumologia na Universidade Metodista de Angola, campus da saúde e dos desportos. Foram três anos de muita dedicação, aprendizado e realizações. Meu empenho me levou a fazer cursos avançados em eletrocardiograma, ultrassonografia cardíaca e o curso de primeiro socorro.

⁵ Em Angola, o termo licenciatura é destinado para nomear todos os cursos de graduação. Já no Brasil, o conceito é diferente: Licenciatura refere-se especificamente aos cursos voltados à formação de docentes para atuar na educação básica, enquanto o bacharelado prepara profissionais para atuação no mercado de trabalho e em áreas não ligadas à docência.

Estava feliz e me sentia realizado, me esforçava bastante, tive notas boas, mas, infelizmente, fui obrigado a interromper o curso. Foi um dos momentos mais tristes da minha vida. Naturalmente, não foi simplesmente perder o curso, foi-se uma parte de mim, era algo que puramente me constituía, na verdade, contudo, muito mais do que isto, é assistir um sonho indo pelo ralo, foi um misto de sentimento que nem consigo descrever.

Teria muito o que dizer das dores que tive e como eu me recuperei das sucessivas frustrações. Neste momento, entendi que nunca seria médico, foi então que comecei a olhar na carreira docente, cogitando a possibilidade de estudar para os exames de admissão do Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda— ISCED.

Diante deste cenário, Nzambi traçou outro caminho para mim, foi no meio desta nebulosidade toda que, um arco íris cruzou o céu, me trazendo esperança. Enquanto uma porta se fechava a outra se abria. Um belo dia, fui à universidade resolver a papelada para, enfim, encerrar meu vínculo com a instituição. Na volta, passei pelo largo das embaixadas e, por uma dessas coincidência que só pode ser obra de Nzambi, encontrei um amigo que estava a caminho da embaixada brasileira. Ele me disse que iria estudar no Brasil. Sinceramente, pelo eu já havia passado, não acreditei na hora. Só mais tarde, pelas redes sociais, tive a confirmação de que ele já estava no Brasil.

Mesmo assim, não era algo que chamou a minha atenção, fiz a inscrição por intermédio de um amigo que enfrentava os mesmos problemas que eu. Ele influenciou-me a participar, e como os arco-íris sorriam para mim, participei do processo seletivo de estudantes internacionais (PSEI) e fui aprovado entre os primeiros classificados.

O meu primeiro encontro com o Brasil não se deu, porém, durante o processo seletivo de estudantes internacionais, mas com as telenovelas, filmes, futebol e outros, com o qual me sinto, por vários motivos, estreitamente ligado. Faço esta referência para sublinhar quão importante foi, para mim, este processo e nele como uma boia de salvação.

Após toda parte burocrática, veio a tão esperada hora de sair das asas macias e impermeáveis sob a proteção da minha família e viver outras experiências. Também marcada por desafios, mas como já enfrentei diversas situações embaraçosas, então para mim, foi só mais um. Assim em 2015, desembarquei no aeroporto Internacional do Galeão — Rio de Janeiro, e em seguida, peguei outro voo para Capital da Bahia — Salvador e finalmente cheguei

no interior onde está situado a Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-brasileira — Unilab⁶.

Quando cheguei na Bahia, senti-me em casa, no chão africano, devido aos laços culturais, históricos e similaridade que ligam o continente africano ao Brasil, de maneira mais acentuada, entre Angola e a Bahia. Mas também havia um distanciamento gritante, a população daquele interior, incorpora um ideal político colonizador, em que o continente africano é tido como um local homogêneo, selvagem, primitivo, inferior, atrasado e cheio de miséria (Mangana, 2023).

Já me deparei com este tipo de pergunta, *vocês lá na África dormem em árvores? Você fala bem português, aprendeu onde?* Essas situações fizeram-me refletir, o estrago que o colonialismo/neocolonialismo causaram/causam. À medida que interagia com as pessoas, parecia que eu falava mandarim e eles árabe, quase ninguém se entendia, tudo era novo.

A minha formação inicial, foi o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — BHU, neste período, já tinha descartado a possibilidade em fazer medicina, o meu foco passou a ser pedagogia, mais uma vez, tive que fazer a terminalidade em Relações Internacionais, com o objetivo de regressar para ocupar uma vaga de emprego, o que não aconteceu. O país estava mergulhado em uma recessão econômica, política, e as dificuldades atingiram vários setores, inclusive a vaga indicada.

Foi durante o Bacharelado em Humanidades, que mergulhei verdadeiramente na história do continente africano, através da matéria de filosofia africana dirigida pelo professor Congolês Bas'ilele Malolo. Foi com ele que tive a honra de me aprofundar na história do continente africano e alavancar o meu repertório bibliográfico. O professor base, como é carinhosamente chamado, dizia que eu tinha perfil para pesquisar sobre estudos africanos, mas eu já estava decidido a não mudar de rota.

Então, passei a trazer este meu encanto para arte — poesia, através de jogos de palavras compartilhar a história do continente berço sobre a perspectiva decolonial. Desde muito cedo já tinha um encanto por poesias, foi então que em 2017 passo a exteriorizar os meus tímidos

⁶ Fundada em 25 de maio de 2011, Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-brasileira, com sede na cidade de redenção, estado do Ceará e o campus dos malês, localizado no município de São Francisco do conde, no estado da Bahia, atua na formação de estudantes brasileiro e estudantes internacionais, oriunda da nações que integram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e príncipe Moçambique e Timor Leste.

escritos. O único livro de poemas que a minha família tinha em casa, era o livro *Sagrada Esperança*, de autoria de António Agostinho Neto (1974), o qual pertencia ao meu pai, e, depois, foi passado para mim. Tenho esse livro até hoje e guardo com muito carinho; foi o primeiro livro de poemas que tive acesso. Não imaginava que no futuro eu também publicaria um.

A música foi o canal pelo qual a poesia entrou na minha vida. Sem TV em casa, o rádio funcionava ininterruptamente, tocando músicas e noticiários do mundo todo. Eu escrevia as letras no papel — a partir das minhas interpretações — e as dedicava a uma colega de escola. Mal sabia eu que, ao criar sentidos para as palavras e sons em um idioma desconhecido, já estava, de fato, fazendo poesia.

Nos dias de hoje, tenho me dedicado também à poesia, na mesma linha filosófica, trago reflexões, provocações sobre um contexto pouco abordado, ecoar a minha voz, para trazer de forma poética, uma abordagem que expressa uma outra concepção da história do continente africano. Tenho como referência autores panafricanistas e poeta/poetisas negras/negros Africanos e Brasileiros.

Figura 1: capas dos livros



Fonte: arquivo pessoal

Dois Punhados e um Verso é a minha primeira obra literária publicada pela editora Literáfrica em 2023. Desde os 12 anos já declamava poesia de outros autores nas atividades escolares. Os primeiros passos para a escrita se deram em 2011, de forma bem latente. Hoje, conto com mais de 250 poemas, sendo alguns publicados em revistas.

Retomando o meu percurso acadêmico, depois de muitas tentativas frustradas, finalmente, em 2021, começo uma nova etapa da minha vida. Porém, antes de aprofundar na minha jornada atual, farei uma digressão para explicar as razões epistemológicas e pessoais que me levaram a convergir os temas da educação infantil, decolonialidade e as brincadeiras de Angola.

O ponto de inflexão ocorreu em uma disciplina optativa que cursei na graduação no curso de pedagogia. Embora o nome da disciplina me escape, seu foco era metodologia de ensino e as brincadeiras no processo educativo. O texto de apoio utilizado na aula foi de autoria de Lev Vigotski.

A partir dessa base vigotskiana, comecei a questionar as brincadeiras, porque quando se trata de brincadeiras é a partir da perspectiva europeia, por esta razão, busco perspectiva que valoriza os saberes e as culturas angolanas. Esse questionamento inicial foi o catalisador para a minha imersão na perspectiva decolonial, que busca e legitimar conhecimentos e práticas pedagógicas pensando no contexto de Angola. Minha pesquisa, portanto, busca entender as brincadeiras angolanas como prática pedagógica durante o processo de formação docente e que seja, simultaneamente, decolonial, valorizando as narrativas silenciadas pela colonização.

A dinâmica da aula, era trazer brincadeiras africanas, isto é, cada aluno escolheria uma brincadeira do seu país e utilizaria para ensinar um determinado conteúdo, foi então que, percebi que poderíamos aproveitar as nossas brincadeiras para ensinar, fiquei encantado, e como trabalho final, foi sobre *“jogos e brincadeiras no ensino primário em Angola”*. Foi quando decidi transformar o trabalho final como projeto de pesquisa.

Foi por estas linhas, que o meu encanto em estudar educação de crianças pequenas surgiu e defini o meu objeto de pesquisa. Não passava pela minha cabeça que um dia eu pesquisaria sobre brincadeiras, mas quando tive contato com a temática, eu disse, é isso que eu quero e vou pesquisar. Assim como refletir sobre as minhas vivências brincantes durante a infância e da intenção em contribuir positivamente na educação pré-escolar em Angola.

No meu tempo de escola, as brincadeiras aconteciam em dois momentos, primeiro, no intervalo das aulas e outro momento acontecia no dia-dia no bairro com os amigos. Nas escolas principalmente, a brincadeira ganhava destaque nas datas comemorativas, como no dia 1 de junho, dia da criança africana onde eram realizadas atividades brincantes, como gincanas, danças tradicionais, brincadeiras e jogos. Não passa de uma diversão.

A decisão de fazer mestrado em Educação, já fazia parte dos meus planos futuros, foi quando decidi me candidatar no mestrado em educação na Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF. É neste meu trajeto no Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE, 2021 que, venho me aprofundando na pesquisa e ganhando traquejo para docência.

Atualmente, tenho me dedicado à pesquisa na área supracitada. O GRUPAI: Grupo de Estudos e Pesquisas Ambientes e Infâncias no qual faço parte, tem servido de grande ajuda para minha pesquisa e a minha formação na área da docência. Por ainda ter muitas perguntas sem respostas. Em 2024, decidi dar continuidade, ingressei para o doutorado, onde tenho dado sequência a minha pesquisa, de modo a me aprofundar e dar voz às nossas brincadeiras e formação de professores. Desta maneira, potencializa-se nas reflexões e perguntas do presente, em função das aprendizagens, saber-fazer e conhecimentos implicados na transformação e autotransformação do sujeito em formação (Souza; Abrahão, 2006, p. 142).

Assim sendo, permaneço no GRUPAI, e ingressei recentemente no grupo de pesquisa Linguagens, Infâncias, Cultura e Desenvolvimento Humano – LICEDH. Além da troca de experiências, os grupos de pesquisas permitem um estudo mais aprofundado teórico-prático e perspectivas subjetivas sobre as práticas pedagógicas. Como defende Paulo Freire (1978, p. 17),

[...] a ajuda autêntica, não é demais insistir, é aquela em cuja prática os que nela se envolvem se ajudam mutuamente, crescendo juntos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar. Somente numa tal prática, em que os que ajudam e os que são ajudados se ajudam simultaneamente, é que o ato de ajudar não se distorce em dominação do que ajuda sobre quem é ajudado.

Estas experiências com professoras da Educação Básica, as discussões dos textos e as disciplinas da área de Educação, de certa maneira, têm me auxiliado a ampliar a minha visão em relação à docência e suas ferramentas. Hoje, posso dizer que finalmente, me encontrei, porque faço o que gosto. A cada dia que passa, é grande a minha paixão pela prática docente, e eu noto que é possível ser um bom professor e um bom profissional realizado. O segredo está em fazer o que você gosta e fazê-lo com carinho, dedicação e profissionalismo. Não me restam dúvidas de que fiz a escolha certa.

Apesar da escolha assertiva, este percurso ainda está a ser desenhado, vivo um momento de amadurecimento, aprendizados, descobertas e partilhas. Pois, ainda tenho muitos desafios

pela frente, mas, até aqui, os estranhamentos, os incômodos, as indagações e as reflexões têm me conduzido a costurar este caminho. Finalizo, compartilhando um poema inspirado nas palavras do filósofo Jorge Larrosa “professorar”.

Professorar é o ato de ensinar com amor, leveza, inspirar sonhos, transformar vidas e caminhos. Professorar é construir futuros, se faz com afeto, é semear com paciência e dedicação — professorar vai além do, giz, lousa, caneta, lápis e borracha.

É um caminho glorioso, construído com missões, propósitos, é ser um guia constante, é o ato de escurecer as mentes, ensinar para vida toda. Professorar é desafiar as imperfeições, é também construir uma nação inteira, com livros, indagações, aprender — ensinar, ser farol, servir de bússola e mostrar um sol amarelo.

Diz-se em vocação, mas professorar é um exercício de todos os dias, de manhã a tarde e a noite. É um capítulo especial, é plantar várias árvores, regar para crescer e cuidar para não secar. A matemática conta o tempo passar, o português indica suas interjeições, a arte expressa sentimentos, a geográfica explica seus limites, a história mostra o seu percurso, a educação física mostra a sua força, a escola mostra sua estrutura, mas é professorar que se leva toda ciência.

É por esta via que, levamos o saber, ganhamos aptidões, falamos das coisas, prestamos atenção em nossa volta, sugerimos perspectivas e contemplamos as descobertas. O caminho não é linear, é como a representação gráfica de um electro cardiograma, é necessário ir — fazer com o coração.

Professorar marca vidas, rememora vivências, salva vidas — são lembrados com carinho e estima. Para todos vocês, professores que incansavelmente têm professorado de corpo e alma, dedico este escrito para vocês.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S. Cultura escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entreter destas culturas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n.100, p. 1059-1083, out. 2007.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné Bissau**: registros de uma experiência em processo. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed., São Paulo. Paz e Terra. 1996.

MANGANA, A. G. A filosofia africana e os sistemas de conhecimentos endógenos. **Revista da ABPN**, v. 17, n. 1, 2023.

MUNICA, M. F. **Dois punhados e um verso**. São Paulo: Literáfrica, 2023.

MUNICA, M. F. No meu eu. **Revista de Arte Verbal da Unilab**. UNILAB - Campus dos Palmares, n. 10, p. 58-58, dez, 2021. Disponível em: publicadorapalmartes.blogspot.com.

NETO, A. **Sagrada Esperança**. Lisboa, Livraria Sá da Costa. 1974

OLIVEIRA, M. M. A. Narrativas: contribuições para formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 20, n. 43, p. 298-305, maio/ago. 2011.

SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M.H.M.B (Org.). **A invenção de si**. Porto alegre: EDIPUCRS, 2006.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, 2008.

HISTÓRICO

Submetido: 10 de dezembro de 2025.

Aprovado: 15 de dezembro de 2025.

Publicado: 31 de dezembro de 2025.